

## Universos ficcionais mediados pela subjetividade feminina

Salete Rosa Pezzi dos Santos (UCS)<sup>i</sup>

*o romance não tem significado porque  
representa, talvez de maneira instrutiva, um  
destino estranho, mas porque esse destino  
estranho, graças à chama pela qual é devorado,  
nos transmite um calor que nunca podemos  
obter do nosso. O que arrasta o leitor para o  
romance é a esperança de aquecer sua vida  
enregelada numa morte que ele vivencia através  
da leitura.*  
Walter Benjamin

### Resumo:

*Narrativas escritas por autoras latino-americanas têm provocado reflexões e questionamentos relativos à experiência feminina. Dentre essas ficcionistas, ressaltam-se a escritora chilena Isabel Allende e Leticia Wierzchowski, escritora sul-rio-grandense, as quais são alvo deste estudo, através da análise das obras Eva Luna (1989) e Um farol no pampa (2010), respectivamente.*

**Palavras-chave:** Escrita feminina, *Eva Luna*, *Um farol no pampa*, subjetividade feminina.

### 1 Palavras iniciais

A literatura da América Latina alcança maturidade no século XX, após atravessar períodos distintos de criação. A ficção apresenta contornos que atestam independência criativa, sinalizando o afastamento dos cânones europeus, ainda que não ocorra total esquecimento daqueles moldes tradicionais. Essas mudanças têm permitido que discursos situados na área da cultura em geral sejam aceitos, estruturando-se o cânone sobre a possibilidade de abertura e constante reformulação. Nesse contexto, é importante ressaltar a produção de mulheres escritoras, cujas narrativas têm suscitado a abertura de vertentes reflexivas e questionamentos relativos às vivências femininas.

Muitas estudiosas têm se dedicado à investigação de questões que envolvem a autoria literária feminina na América Latina, buscando verificar que universos ficcionais são construídos por essas autoras, que personagens transitam por essas obras, que vozes estão presentes nessa literatura. Luiza Lobo (2011) lembra que, do ponto de vista teórico, essa produção literária “precisa criar, politicamente, um espaço próprio dentro do universo da literatura mundial mais ampla, em que a mulher expresse a sua sensibilidade a partir de um ponto de vista e de um sujeito de representação próprios, que sempre constituem um olhar da diferença.” Além disso, enfatiza que “o cânone da literatura de autoria feminina se modificará muito se a mulher retratar vivências resultantes não de reclusão ou repressão, mas sim a partir de uma vida de sua livre

escolha.”

Dentre ficcionistas que trazem experiências diferenciadas do universo feminino, podem ser apontadas a escritora chilena Isabel Allende e a sul-rio-grandense Leticia Wierzchowski, cujas obras serão alvo deste estudo. *Eva Luna* (1989), de Allende, foi lançada em 1987 e tem alcançado expressivo interesse por parte de leitores, o que se comprova pelas inúmeras edições do livro. Essa narrativa move-se em torno da personagem narradora Eva Luna, cuja palavra edifica mundos alternativos, pelos quais é possível transgredir a mediocridade do cotidiano. Em *Um farol no pampa* (2010), de Wierzchowski, reaparece Manuela, personagem narradora de *A casa das sete mulheres*, a qual revisita, na escrita de seus “cadernos”, a história dos antepassados, retomando a trajetória de homens e mulheres que se digladiam num universo de encontros e desencontros. Ambas as narrativas suscitam a busca de elementos que configuram a subjetividade feminina na apreensão da realidade, trajeto analítico que será elaborado com base em aportes teóricos da crítica literária voltada para o texto feminino.

## **2 Ficcionistas latino-americanas em pauta**

Adiscorrer sobre o patrimônio cultural da América Latina, Alejo Carpentier, na obra *El reino de este mundo* (1972), aponta características que distinguem a produção literária latino-americana da canônica europeia, presentes no que ele designa como “lo real maravilloso”:

Y es que por la virginidad del paisaje, por la formación, por la ontología, por la presencia fáustica del indio y del negro, por la Revelación que constituyó su reciente descubrimiento, por los fecundos mestizajes que propició, América está muy lejos de haber agotado su caudal de mitologías. (CARPENTIER, 1972, p. 11).

Estudos como o de Carpentier dão ciência da compreensão histórica que começa a se registrar em meados do século XX, assinalando a percepção de determinadas tendências da produção literária latino-americana, desenhando-se um perfil próprio. Essa literatura evidencia a redescoberta e a reconquista de novos espaços, numa reordenação do real empírico, aponta Jozef (s.d.). Para a autora, esse fazer artístico ultrapassa “o mundo empírico das aparências, considerado como absoluto pelo realismo tradicional, [e] assimila em sua própria estruturação a relatividade e as transformações de nossa época.” (JOZEF, s.d., p. 195). Também para Galeano (1988, p. 36), a literatura latino-americana refletiu, nas últimas décadas, “uma nova consciência da realidade, [...] e se projetou, no plano cultural, com tanto vigor quanto no plano político.” Isso implica uma constatação muito relevante no que concerne ao papel formador da literatura, pois, na medida em que a obra literária pode trazer em si a representação da realidade, esta se dá a conhecer, e esse conhecimento é o primeiro passo para “o aprofundamento da consciência da realidade”, o que remete à mudança. O autor alarga sua discussão sobre a literatura da América Latina, discorrendo sobre o valor do texto literário:

A literatura, que se dirige às consciências, atua sobre elas, e quando é acompanhada pela intenção, o talento e a sorte, dispara nessas consciências os gatilhos da imaginação e a vontade de transformação. [...] Um livro não muda o mundo, fala-se, e é verdade. Mas, o que o muda? Um processo, acelerado ou lento, segundo o caso; sempre incessante e de mil dimensões simultâneas: a palavra escrita é uma delas, e não uma mera roda auxiliar. (GALEANO, 1988, p. 43).

E, ainda, enfatiza o autor, toda literatura que valha a pena nos arranca “fugazmente do tempo para depois devolver-nos melhorados.” (p. 44).

Vários sistemas literários compõem a literatura da América, dentre os quais cabe destacar a literatura chilena e a brasileira, as quais constituem importantes legados para a formação geral da literatura latino-americana. Nesse panorama, importante frisar, a participação da mulher no processo da representação vem alcançando cada vez maior expressão, firmando seu lugar no cenário das letras. O texto literário feminista, afirma Luiza Lobo (2011),

é o que apresenta um ponto de vista da narrativa, experiência de vida, e portanto um sujeito de enunciação consciente de seu papel social. É a consciência que o eu da autora coloca, seja na voz de personagens, narrador, ou na sua *persona* na narrativa, mostrando uma posição de confronto social, com respeito aos pontos em que a sociedade a cerceia ou a impede de desenvolver seu direito de expressão.

Nesse sentido, nomes como Isabel Allende e Leticia Wierzchowski têm recebido sempre maior reconhecimento por sua produção literária, levando as letras de seus países para além das fronteiras.

Filha de diplomata e sobrinha do presidente chileno Salvador Allende, Isabel Allende nasceu em Lima, entretanto considera-se chilena por formação. Em 1973, após o golpe de Estado chileno e a morte de Salvador Allende, viu-se compelida a abandonar o Chile, indo morar na Venezuela e, posteriormente, nos Estados Unidos. Embora tenha trabalhado como jornalista em periódicos, em revistas femininas e na televisão, e tenha publicado peças de teatro na década de 1970, sua carreira como ficcionista inicia, efetivamente, em 1982, com a publicação de *A casa dos espíritos*, obra que inspirou a produção cinematográfica de título homônimo. Esse fato, segundo Navarro (1988), propiciou reconhecimento de público e crítica, consolidando-se como obra “magistral”. Luiza Lobo (2011) vai mais longe, quando afirma que “uma nova épica feminina pode ser vislumbrada a partir do romance de fundação de Isabel Allende, *A casa dos espíritos*.” Sua fama de escritora tem-lhe propiciado ser considerada uma das mais famosas romancistas contemporâneas da América Latina e, segundo a própria autora, seu êxito como escritora deve-se ao poeta chileno Pablo Neruda que, em 1973, a teria aconselhado a se dedicar à escritura de livros ficcionais, o que viria a acontecer quase dez anos depois.

Após o lançamento de *A casa dos espíritos*, Isabel Allende continuou dedicando-se à escrita de outras narrativas e, em 1987, publica o romance *Eva Luna*, obra construída a partir da personagem narradora Eva Luna, cuja identidade vai se desenhando à medida que se apossa da palavra e com ela constrói alternativas de

vivência para si e para quem está ao seu redor. A personagem inicia a história, apresentando-se: “-me Eva Luna, que quer dizer vida, segundo um livro que minha mãe consultou para escolher meu nome.” Se a invocação do nome evoca o ser, ao nomear-se, explicando a origem de seu nome, Eva Luna se apossa de si mesma, e o desenrolar das peripécias narrativas vai delineando, gradativamente, a construção de uma subjetividade feminina autônoma, independente, capaz de suplantar as circunstâncias que poderiam assomar como entraves para sua vivência:

Nasci no quarto dos fundos de uma casa sombria e cresci entre móveis antigos, livros em latim e múmias humanas, embora isso não tenha me tornado melancólica, pois vim ao mundo tendo na memória um hálito de selva. (ALLENDE, 1989, p. 7).

Essa passagem é suficientemente elucidativa, no sentido de levar o leitor a perceber que, desde o início da narrativa, o espírito que conduz a trajetória de Eva Luna remete a um entorno que não a favorece, entretanto a “memória de um hálito de selva” mostra-lhe a possibilidade de ir além das paredes do quarto em que nascera. A personagem percebe que “a realidade não é apenas como percebida na superfície,” e que é lícito nela interferir. Essa consciência lhe permite iniciar o delineamento de uma trajetória em que ela é a protagonista, diferentemente do que acontece a tantas outras mulheres que a cercam. Mesmo rodeada por situações opressivas, Eva Luna sobrepõe-se às contingências adversas que a cercam e reverte a realidade imediata, dona de sua vontade. mundos alternativos, percorre aqueles que a mãe lhe narrara e, após aprender o alfabeto que a professora Inês lhe ensinara, passou a escrever quase todas as noites. Entretanto, naquela “quarta-feira”, sentiu que aquela era uma ocasião diferente, algo que poderia alterar seu rumo:

Peguei uma folha de papel, alva e em branco, como um lençol recém-lavado para fazer amor, e a introduzi no rolo [da máquina de escrever]. Então senti algo estranho, como uma brisa alegre pelos ossos, percorrendo os caminhos das veias sob a pele. Acreditei que aquela página esperara vinte e tantos anos por mim, que eu vivera apenas para esse instante... [...] As personagens desprenderam-se das sombras onde haviam permanecido ocultas durante anos e surgiram à luz daquela quarta-feira, cada uma com seu rosto, sua voz, suas paixões e obsessões. (ALLENDE, 1989, p. 269).

Eva Luna experimenta a sensação de poder que o ato de criar novos universos lhe confere. Inicialmente, acredita que pode dispor das personagens segundo sua “própria e soberana vontade”, entretanto, com o desenrolar das peripécias narrativas percebe que “o enredo complicava-se; as personagens ficavam cada vez mais rebeldes.” (ALLENDE, 1989, p. 270). A narradora mergulha profundamente naquele universo, trabalhando, de mãos dadas com suas personagens, “do amanhecer ao anoitecer”, e isso lhe dava o sentimento de estar em festa. A grandeza dessa contadora de histórias reside na capacidade de dar vida a personagens que conduzem sua própria história, sem repetir, em seu universo ficcional, a mesma experiência de repressão por ela vivenciada. Usufruindo da liberdade conquistada através da palavra que edifica, Eva Luna consegue

criar seres humanos que logram ser livres para sentir, viver, experimentar.

É interessante observar como a literatura da América Latina apresenta uma recorrência de personagens femininas que encontram na palavra seu domínio como ser humano capaz de transformar realidades, reinventando-as, ou de registrar a memória, presentificando-a.

Nascida em Porto Alegre, em 1972, Leticia Wierzchowski estreou na literatura com o romance *O anjo e o resto de nós*, publicado em 1998. Reconhecida como uma das revelações da literatura nacional deste início de milênio, sua obra traduz a força e o lirismo da ação de personagens que se movimentam em tempos e espaços brasileiros. A ficcionista tornou-se internacionalmente conhecida a partir da obra *A casa das sete mulheres* (2002), cuja produção televisiva de título homônimo já foi veiculada em quase 30 países, e seus livros contam com edições em países como Espanha, Grécia, Itália, Portugal, Sérvia, Montenegro. Percorrendo episódios da história do Brasil, a autora de *Um farol no pampa* (2004) recoloca em pauta a personagem narradora Manuela a qual revisita o amor entre os primos Inácia e o sobrinho-neto ficcional de Bento Gonçalves, Matias Gutierrez, que vive no Rio de Janeiro com o filho Antônio Gutierrez. À medida que se desenrolam os acontecimentos que envolvem Matias e o filho, é possível acompanhar a História e as histórias da família do chefe revolucionário Bento Gonçalves, visto que, após a morte do pai, Antônio decide reconstituir a trajetória de Matias e tomar posse de sua herança, a Estância do Brejo. Assim, em 1902, parte do Rio de Janeiro rumo ao Rio Grande do Sul, disposto a desvendar o passado do pai. Nesse trajeto, as personagens que povoaram o universo ficcional de *A casa das sete mulheres* (2002) reaparecem, com alternância de vozes e épocas.

Distante trinta anos dos acontecimentos que marcaram a vida daquelas mulheres e daqueles homens, nos idos da Revolução Farroupilha, Manuela reconhece a implacabilidade da vida, e o que lhe resta é dedicar-se ao registro da memória de tempos vividos:

Ah, tudo isso vai perder-se para sempre, como tudo se perde inexoravelmente nesta vida. Do pó ao pó, dizem os padres... [...] Eles têm razão neste ponto; tudo há de desaparecer um dia. Mesmo assim, tomada dessa certeza não tão bela quanto a que uma dama deveria acolher no intuito de guiar por ela seus dias; mesmo assim, dedico-me a este passatempo de desfiar em linhas a vida de certas pessoas, porque a minha... Ah, a minha vida ficou para trás, enrodilhada para sempre nos passos do meu Giuseppe. (WIERZCHOWSKI, 2010, p. 66).

A confiança de que um dia Giuseppe voltaria para buscá-la, guia a vida de Manuela que nunca aceitou a afeição do primo Joaquim, deixando de lado o porto seguro que seria a vida com ele, pelo sonho de realizar o amor idealizado junto ao eleito de seus afetos. A mulher, especialmente no século XIX, deveria cumprir seu destino de casar, constituir família, dar vida a uma prole numerosa, ser cuidadora de todos. O estudioso francês oitocentista Michelet, em consonância com ideias positivistas da época, enfatiza a relevância da mulher devotada ao lar, sempre afável, de coração puro, corroborando o pensamento corrente que a aspiração feminina deveria restringir-se ao

espaço privado, visto que almejar a conquista do âmbito público resultaria um grande mal, ocorrendo um apoderamento ilícito das atribuições masculinas, fato que acarretaria desequilíbrio nas relações humanas. Crenças como essas repercutiram grandemente no mundo ocidental, reafirmando modelos comportamentais que se repetiriam por muito tempo ainda. A narradora, a despeito da vontade da família e do que a sociedade espera das jovens da época, nega-se a cumprir esses ditames do discurso patriarcal, e opta por viver sozinha, esperando por Garibaldi. Passados tantos anos, reconhece: “Tenho cinquenta e cinco anos, e já era mais que momento de estar eu brincando com os meus netos; porém, jamais os terei, e então me quedo aqui, sob esta janela, esperando, esperando – e escrevendo.” (WIERZCHOWSKI, 2010, p. 66).

O ato de presentificar o passado remoto faz de Manuela uma guardiã dos tempos vividos, dos sonhos sonhados e não realizados, da guerra que consome, demarcando espaços e levando os homens para longe das mulheres e dos filhos, das batalhas experimentadas no mais íntimo de cada um, só compartilhadas no olhar aflitivo, no gesto contido, na palavra não dita. Quando retoma a escrita de seus cadernos, pondera:

Não vou me erguer daqui e entregar-me à ridícula tarefa de vasculhar meus cadernos – pois hoje, enfim!, começo um caderno novo -, e é dado a esse fato que estou um pouco confusa. Dado a esse fato, e não à idade, já que pertenço a uma família cujas mulheres morrem centenárias e lúcidas como profetas. Pois que decido recomeçar a escrever da época em que o farol de D. Ana estava sendo construído lá na Barra, uns meses depois da morte do general Bento Gonçalves... (WIERZCHOWSKI, 2010, p. 67).

Em muitos momentos, Manuela pensa em abandonar sua escritura, entretanto ela sempre volta às suas páginas, pois acredita que já seja “cousa impossível” este vício. Nessas ocasiões, novamente, coloca-se na posição daquela que não casou, daquela que ficou sozinha, que não conseguiu realizar seus sonhos, restando-lhe viver através da espera e da escrita: “Às vezes, penso em esquecê-las [as páginas que escreve] para sempre, remediando-me à condição de velha solteirona que sou, mas...” (WIERZCHOWSKI, 2010, p. 129). Essa alusão remete a questões milenares em relação à mulher, como a crença de falta de discernimento para as decisões que exigissem justeza de pensamento, uma eterna sujeição à tutela da família, daí restar-lhe uma única alternativa de vivência: “a regra era o casamento muito cedo, as maternidades anuais, a autoridade do marido sucedendo à do pai; a regra era a minoridade prolongada até a velhice, determinando nas senhoras a infantilidade...” (MIGUEL-PEREIRA, 1951, p. 21). A personagem ultrapassa esses limites e se atreve a escrever, registrando, em cadernos somente seus, a vida que poderia ter sido e não foi, as dores, as esperanças, os infortúnios que, de outra forma, teriam se perdido no apagamento do tempo.

Aos oitenta e três anos, morre Manuela e, quando Antônio chega a Pelotas, ela já havia sido enterrada. A velha empregada lhe entrega “dois embrulhos enrolados em papel pardo amarrados com um cordão grosso e bem atado.” Também tira do bolso do avental um envelope, a carta que a tia-avó lhe escrevera um dia antes de morrer:

Meu bom amigo,  
Deixo com vosmecê a história da minha vida. São estes os cadernos que enchi durante o tempo em que me arrastei pelo mundo. Comecei a escrevê-los pouco antes de completar quinze anos, quando o gosto da mocidade me trouxe o prazer das palavras. Findei-os ontem, pois sei que morro ainda amanhã... Ele há de vir buscar-me, meu Giuseppe, saiba, portanto que morrerei feliz. [...] ...se vosmecê quiser lê-los, se vosmecê quiser gastar o seu tempo com isso, há de encontrar neles um pouco da história daqueles que le engendraram. Faça como quiser, desde que o último destino dessas páginas seja o fogo. Da sua, Manuela Ferreira. (WIERZCHOWSKI, 2010, p. 455-456).

Com a escrita de seus cadernos, Manuela não só atualiza a memória como também registra a saga de personagens como Ana Joaquina, Caetana, Maria Manuela, Mariana, Manuela, Rosário, Perpétua, irmãs, esposa, sobrinhas do general de guerra Bento Gonçalves da Silva, como também de seus descendentes, revivendo, através de sua ótica, um passado que não consta nos compêndios da História oficial.

### **3 Considerações finais**

Quando Riad Halabí presenteia Eva Luna com a obra *As mil e uma noites*, ela mergulha profundamente nas histórias “até perder de vista os contornos da realidade. [...] Não sei quantas vezes li cada conto. Quando decorei todos eles, comecei a transpor personagens de um para outro, [...] tirar e acrescentar um jogo de possibilidades infinitas.” (ALLENDE, 1989, p. 165). Sheerazade inventava histórias para encantar o monarca e lograr sobreviver por mais um dia, como também salvar a vida de outras jovens do reino. Ao final das mil e uma noites, ela alcança modificar o pensamento e os sentimentos do monarca em relação às mulheres, que passa a acreditar na sinceridade da esposa. Assim, também, Eva Luna inventa narrativas de universos possíveis, nos quais as pessoas podem se reconhecer, neles viver e sonhar, livres de grilhões impostos por preconceitos, artimanhas, domínios, imposições.

Manuela também assume a condução de sua vida, contrariando o que esperavam dela o primo Joaquim, a família, a sociedade. Desfaz o discurso de época para ser fiel aos seus sentimentos em relação a um amor que não se concretiza materialmente. Além disso, encontra uma forma de registrar a subversão desse processo, tornando-se a guardiã das memórias dos antepassados através de sua escritura. E, ao final, o pedido que fizera ao sobrinho-neto de queimar seus escritos se apaga quando, naquela noite, depois do jantar, Antônio

começou a ler as anotações de Manuela [...] Os anos passando entre as linhas daquele texto, naquela noite teve o gosto de chegar à narrativa do nascimento de seu pai, ali mesmo na Estância do Brejo. Leu até muito tarde, dominado por uma ânsia de chegar adiante, desvelando os dias, os misteriosos segredos daquelas vidas, os fios da tapeçaria que tinham tecido aqueles destinos e que, hoje, também teciam o seu. Antônio leu e leu, e leu. [...] Ele lia sem parar. Lá fora, a noite

esfumaçava-se. Lá fora, no perfeito silêncio do pampa, os primeiros pássaros começavam a cantar com timidez enquanto ele lia um caderno e outro e outro. (WIERZCHOWSKI, 2010, p. 470-471).

Afinal, aqueles homens e aquelas mulheres, fantasmas de um passado tão antigo quanto os mitos, e as crenças que teimavam em povoar aquelas paragens surgiam das sombras e tomavam forma. Manuela conseguira dar vida às palavras não ditas, aos sentimentos abafados, aos sofrimentos não compartilhados, às dores sem remissão e, mesmo que seus cadernos pudessem conhecer o fogo, a história já havia sido lida.

Eva Luna e Manuela, ao assumirem o ponto de vista das personagens, permitem que elas exibam contornos mais precisos, as quais se revelam aos poucos, cada qual com sua voz, sua vida, sua história. Desvelam-se seres humanos, em seus estratos mais profundos e, do mergulho nessa interioridade, o leitor sairá modificado em suas percepções humanas, será devolvido “melhorado” à realidade.

### **Referências bibliográficas**

ALLENDE, Isabel. *Eva Luna*. 3. ed. Trad. Luísa Ibañez. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.

CARPENTIER, Alejo. *El reino de este mundo*. Santiago: Orbe, 1972.

GALEANO, Eduardo. *A descoberta da América* (que ainda não houve). Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS; MEC/SESu/PROEDI, 1988.

JOSEF, Bella. *O espaço reconquistado, uma releitura*: linguagem e criação no romance hispano-americano contemporâneo. Rio de Janeiro: Paz e Terra, s.d.

LOBO, Luiza. A literatura de autoria feminina na América Latina. Disponível em: <http://lfilipe.tripod.com/LLobo.html> Acesso em: 23 junho 2011.

MIGUEL PEREIRA, Lúcia. As mulheres na literatura brasileira. *ANHEMBI*, ano V, n. 49, v. XVII, dez. 1951.

NAVARRO, Márcia Hoppe. *O romance na América Latina*. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 1988.

SANTOS, Salete Rosa Pezzi dos. *Duas mulheres de letras*: representações da condição feminina. Caxias do Sul: Educs, 2010 a.

\_\_\_\_\_. Quando a voz feminina constrói realidades. In: ZINANI, Cecil Jeanine Albert; SANTOS, Salete Rosa Pezzi dos. *Mulher e literatura*: história, gênero, sexualidade. Caxias do Sul: Educs, 2010 b.

WIERZCHOWSKI, Leticia. *Um farol no pampa*. Rio de Janeiro: BestBolso, 2010.



i Salete Rosa Pezzi dos SANTOS (Profª. Dr. Docente e Pesquisadora do Curso de Letras e do PPGET Mestrado em Letras, Cultura e Regionalidade da Universidade de Caxias do Sul – UCS).